Dermival COSTALIMA

Pacotinho de sete ainda do ano passado

1 QUANDO este papo sair em letra de fôrma (como diria meu bisavô que se amarrava em Camilo e companhia bela), já será quase 79 novinho da silva. A gente ainda estará encucando um balancinho do que houve de mais-mais pelos dias do falecido 78, ao calendário pessoal de cada um. E o que houve de mais assinalável, pra este pobre escriba de amenidades? Sem querer dar uma de atuante intelectual dos engajamentos de cabeça-feita dentro dos preceitos, nem penso duas vezes pra dizer que 78 ficou sendo o ano das aberturas, pelo restabelecimento das liberdades democráticas. Todo mundo já boquejou isto, com certeza. Mas é bom repetir. Faz bem, não é mesmo?

2 Eu não disse a vocês que a coisa estava de um jeito de não pagar dez? Pois não deu outra coisa. O homem/da Embratur, ou da Riotur, sei lá, queria contratar uma furiosa qualquer pra esquentar o arrasta-pé, ou o puladinho oficial do Carná-79 (como sabeis, o pagode agora não é mais no Municipal, é no Caneção mesmo) e a coisa estava pegando não por uma questão de gaita, ou de qualidade de sopro da metalada que agride o pacote de decibéis permissíveis. O majorenga estava era querendo saber como o mestre zabumbeiro iria agilizar as pecinhas de "discothèques" exigidas. Isto aí, meus, vai dar "discothèque" no carnaval. Eu não disse? *E precisaria a gente fazer o Nostradamus, pra* antecipar isto? Quem mora na jogada me diria logo: — Adivinhão.

3 O Conselho de Música Popular Brasileira do Museu da Imagem e do Som já escolheu os agraciados de 78 com o Prêmio Golfinho de Ouro e o Troféu Estácio de Sá. São dois destaques importantes. Criados há dez anos e reformulados em 77 (ampliados de 7 para 12, os setores culturais *indicados anualmente), são distribuídos como Prêmio* Governo do Estado, no primeiro trimestre, na abertura do ano cultural. Eis os vencedores da MPB-78: MARTINHO DA VILA (Golfinho) e HERMÍNIO BELO DE CARVALHO (Estácio). Hermínio ainda poderia ser contestado por uns poucos, talvez, embora sendo um incansável batalhador da MPB, muito merecedor do troféu, ao meu ver, notadamente agora com o sucesso do Projeto Pixinguinha, de sua bolação. Martinho da Vila, porém, quem se apega por inteiro em autêntica música popular brasileira, aplaudirá completamente, calorosamente, sem restrições, o tento claríssimo, justíssimo, certíssimo, marcado pelo compositor e cantor do melhor PARTIDO ALTO, isto é, da maior amarração pra quem é mesmo de samba. E quem não é? Ora, há sempre um cara por aí, metido a troço, que pode enfiar a carapuça há muito tempo sacada pelo meu amigo Caymmi: "Quem não gosta de samba/ bom sujeito não é/ou é ruim da cabeça/ ou doente do pé". Falou, ou melhor, cantou.

4 Ano quase findo e um alegrão enorme: a maneira pela qual receberam a poesia de Epaminondas Costalima, com o seu livro O RETRATO DESFEITO. A apresentação do volume na Academia, feita pelo Jorge Amado, foi poema de encantadora louvação do romancista maior (o primeiro escritor brasileiro a emplacar a marca do milhão de livros vendidos, o porreta!). A bela crítica do escritor Mário Cabral, memorialista e crítico de respeito, o bom sergipano com diploma de baianaço muito do raçudo, sabeis, é página de consagração. A noite de autógrafos, estou sabendo, reunindo uma pá de gente bacana, foi grande festa *de inteligência e sensibilidade. E o livro é bom mesmo*, todos afirmam (não fosse o poeta meu irmão e eu me derramaria, aqui, todo prosa, vivando mais esse valor baiano comprovado). Apenas, registro a feliz, acontecência, cá pra nós, justo prêmio a um cara que é sem favor um santo sujeito e um poeta todo bom. Que beleza, mano!

5 E foi o poeta da família quem me fez ler com empenho o livro de um seu colega (publicitário e poeta), LUIS CARLOS DUARTE. Esse jovem poeta do Recife, com o seu A ÁRVORE URBANA, já foi até Prêmio Fernando Chinaglia — 1972, da União Brasileira de Escritores, Seção Guanabara. Agora, Luís Carlos Duarte se integra no mundo intelectual da Bahia e estou lendo o seu poema O INVENTÁRIO DAS HORAS, na caprichada página literária de A TARDE (que Fred Souza Castro coordena com inteligência e cultura e aguçada sensibilidade seletiva). Prova de que a Bahia sabe receber os legítimos valores de outros centros. Ora, viva. Quem escreve, por exemplo, um poema da altura de um CONCLAMAÇÃO OCASIONAL (in A ÁRVORE URBANA), pra mim só pode ser poeta de verdade, digno de todos os poetas conclamados (Joaquim Cardoso, Mauro Mota, João Cabral de Melo Neto e o jamais esquecido Carlos Pena, nomes do Recife e do universo da melhor poesia). Mas quem sou eu pra julgar um poeta, eu, um simples recadista de amenidades, embora fã de poetas e poemas? Agora sou eu quem conclama: fica designado o ilustre crítico Mário Cabral, para que leia e aprecie a poesia de Luís Carlos Duarte e pela A TARDE — ele que é, com muita justiça, do quadro de colaboradores especiais do grande diário. Tô na espera. *Valeu?*

6 A televisão não deixou passar o fim do ano sem animar alguma coisa de realmente grandiosa. Sim, foi a maratona escolhida para o ESPECIAL ROBERTO CARLOS do ano, pela Rede Globo, acionando ampla campanha em prol da infância, anunciando o Ano Internacional da Criança, o 1º Nacional. A Bahia do velho Dr. Magalhães (o da veteraníssima GOTA DE LEITE) e do mestre Martagão Gesteira, além de outros, homenageou o dirigente supremo da rede, dando-lhe o nome a uma obra que recomenda o governo findante. As forças de comunicação de massa voltaram assim às atividades gratificantes, patrioticamente gratificantes, em benefício da criança carente. A primeira grande figura da imprensa, do rádio e da televisão a focar o assunto foi o eminente brasileiro Assis Chateaubriand, com a grandeza também da Campanha de Redenção da Criança, uma das suas luminosas demonstrações de espírito público.

7 O lançamento, aqui, do livro póstumo do poeta Faria Góes Sobrinho, CANTO EM SILÊNCIO, realizado, dia 18, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, foi o que os noticiaristas da antiga classificavam de um acontecimento. Não estive lá, continuo sendo um tabaréu da velha Feira, mas a coleguinha Conceição Meigomes me garante que foi reunião na base da melhor qualidade. Basta que a gente registre estes destaques de presença: o sempre magnífico reitor Pedro Calmon, juiz Seabra Fagundes, Albert Hebert e senhora, ele diretor da Faculdade de Educação, escritora Lazinha Luís Carlos, professor Benjamim Albagei, presidente da Academia de Educação, escritor Artur da Távola, colunista de TV e autor de dois livros dos mais vendidos 78, professor Athos da Silveira Ramos e senhora, professor Pascoal Faria Góes, professora Lúcia Fernandes, professora Maria Elisa Thiene, Guilherme Azevedo Ribeiro e senhora, Roberto Azevedo Ribeiro e senhora, e chega, a reunião foi realmente brilhantérrima. *Muitos baianos da colônia bem (ainda é assim, Ibrahim?).* Conheço dois Faria Góes, aquele primeiro secretário da Faculdade de Direito de Mestre Bernardino, e meu colega de turma e hoje desembargador Jorge, todo dado às letras e figura da maior simpatia. Sou fã dessa tribo baiana.

Cascudo faz 80 anos, confessando-se supersticioso

Texto: Oleone Coelho Fontes
Fotos: Ana Maria Cascudo

O casarão da Rua Junqueira Ayres, em Natal, onde vive Luiz da Câmara Cascudo

DESDE os primeiros dias deste mês o Rio Grande do Norte se acha em festa, com razão, pois o maior monumento **vivo daquele estado — Luiz da Câmara Cascudo — está completando hoje, 80 anos de vida, grande parte da qual dedicada fielmente ao estudo da *cultura popular*.**

O Conselho Estadual de Cultura, o Instituto Geográfico e Histórico, a Fundação José Augusto, o Museu Câmara Cascudo e o Centro de Ensino Superior Câmara Cascudo, bem como o jornalista Paulo Macedo, do Diário de Natal, programaram uma série de homenagens ao mestre octogenário.

Todas as obras de Cascudo (num total de 300 livros de etnografia e folclore, dele e de outros autores), foram expostas ao público. O governo do *Rio Grande do Norte* e a *Universidade* Federal, por outro lado, convidaram estudiosos da obra do mestre folclorista para, em Natal, proferirem palestras sobre vida e obra do homenageado, entre os quais Dieguez Júnior, Austregésilo de Athaide, Artur César Ferreira Reis, Nilo Pereira, Gilberto Freire e Fagundes Menezes. Inaugurou-se no salão nobre da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, um medalhão com sua efígie. E no dia de hoje o nome de Luiz da Câmara Cascudo está sendo inserido no Livro do Mérito Nacional, por solicitação do governador Tarcísio Maia ao presidente Geisel, em atendimento a apelo formulado pela comissão encarregada das festividades.

Historiador, etnógrafo, folclorista, sociólogo, ensaísta, professor, jornalista, tradutor-comentarista, memorialista, cronista e romancista de costumes, é o próprio Cascudo que, em suas obras, nos fala do seu nascimento:

"Nasci numa sexta-feira, dia de São Sabino, 30 de dezembro de 1898, às 5,30 da tarde. Meu primeiro banho foi com água morna numa bacia de ágata. Água temperada com vinho do porto, para eu ficar mais forte, e um patacão de prata do Império, para não faltar dinheiro".

No seio de sua própria família Cascudo iria encontrar farto material e abundante motivação para, mais tarde, se tornar estudioso de tradições, crendices, superstições:

"Fui menino magro, pálido, enfermiço. Cercado de dietas e restrições alimentares. Proibi*ram-me movimentação na lúdica infantil. Não* corria. Não saltava. Não brigava. Nunca pisei em areia nem andei descalço. Jamais subi uma árvore. Cuidado com fruta quente, sereno e vento encanado".

E nos informa ainda com muita graça e espírito:

"Padeci todas as enfermidades folclóricas, espinhela caída, cobreiro, entalo, dormir com os olhos abertos, como os coelhos, mijo de maritacaca, dentada de caranguejeira, frieira por ter pisado em caruru, verruga por apontar estrelas".

O LABORATÓRIO

O professor Luiz da Câmara Cascudo, todavia, por pouco não paga preço elevado por interessar-se por fenômenos ligados à cultura popular. Como titular da cadeira de História do ex-Atheneu Norte-Rio-Grandense, certa ocasião, um seu colega de magistério pede ao presidente da Província, *Juvenal Lamartine, a sua* demissão, por considerar uma indignidade um professor do respeitável educandário andar estudando lobisomens, catimbó e demais crendices.

Luiz da Câmara Cascudo tem levado sua vida e com ela o seu trabalho, em sua cidade Natal. Oportunidades, apelos, sugestões não lhe têm faltado para que se transfira para maiores centros, onde seriam maiores as facilidades. Ele, no entanto, se tem recusado peremptoriamente a abandonar o seu burgo, particularmente o seu casarão da Rua Junqueira Ayres, 377, onde vive, confinado em sua biblioteca de mais de 20 mil obras, todas lidas e anotadas. Mesmo hoje, aos 80 anos, completamente surdo (as perguntas que o repórter lhe dirigiu tiveram que ser escritas), quase cego (não lê senão com o auxílio de uma lupa), ainda trabalha cerca de 10 horas por dia.

Ali em Natal seus amigos são também ele*mentos de suas obras: vaqueiros, pescadores,* cantadores, macumbeiros, pretas velhas, seresteiros, contadores de histórias antigas, gente humilde da praia, do brejo e do sertão.

— Para colaborar com a minha próxima obra, **Superstições no Brasil** — diz ele — fui obrigado a puxar muitos amigos p'los cabelos. A parte referente à Bahia, por exemplo, confiei à folclorista Hildegardes Viana.

A obra em apreço trata de superstições nos vários ramos da atividade humana: medicina, futebol, cinema, aviação, etc.

"Não há ninguém em Natal — observa Nilo Pereira — que não ouça Cascudo, que não o procure para debater problemas, ou simplesmente, que não vá vê-lo na posse olímpica do seu dom de conversar".

— Sabe, baiano, eu começo chamando os que me visitam de senhor ou senhora. Daí a pouco estou familiarizado e passo a tratá-lo de menino. D. Lucy Geisel, quando aqui esteve, depois de muito conversarmos dei conta de mim tratando-a de "menina".

Os que visitam mestre Cascudo sabem que ele, quando quer dar por finda a conversa, diz, com humor: "Agora vá baixar em outro terreiro".

— O presidente Kubitscheck ao me visitar foi uma das coisas que não se esqueceu de mencionar: "Mestre, eu sei que vosmicê costuma dizer vá baixar em outro terreiro, quando o papo começa a demorar. Pode fazer o mesmo comigo. "Imagine se eu iria botar porta a fora o presidente Juscelino".

Grande "causeur", assim o descreve Américo de Oliveira Costa:

"Brilhante, maleável, versátil, rumoroso, tentacular, de um poder raro na elaboração discursiva, a voz plena de inflexões e sonoridades polarizadoras, não lhe falta, a Cascudo, inclusive a gesticulação adequada e oportuna".

Sobre sua oficina, onde convive com as entidades que o espírito do povo criou e conservou, nos informa:

"... seu gabinete de trabalho, que semelha um laboratório, ressoa de comunicações, mensagens, consultas, respostas, vindos ou partidos para todos os quadrantes do mundo: universidades, centros de pesquisas [illegible] ções sociais; casas editoras, bibliotecas, estudiosos de todas as ciências do homem." E continua:

— E a sua casa, enfim, o seu gabinete de estudo e laboratório criador, seu "santo dos santos", sempre de portas abertas, cordial e acolhedor, a receber, inevitavelmente quantas personalidades ilustres por aqui transitem, onde ao entrar, no entanto, sempre se exprimenta, *também, a vaga sensação de estar interrom*pendo algum trabalho? Estranho e fabuloso gabinete, cheio de imagens antigas, totens, amuletos, efígies, bichos empalhados, coisas de madeira de Chico Santeiro, coisas de barro de mestre Vitalino de Caruaru, vaqueiros, rendeiras, cangaceiros, bonecos-gente do povo, animais, retratos, máscaras, diplomas, condecorações, instrumentos bárbaros, facas lavradas, desenhos, flâmulas, moedas, panos pintados, estatuetas africanas, bronze asiáticos, ídolos bizarros, objetos de índios, fósseis milenares — e livros, livros, livros, um mar, uma terra, um mundo de matéria impressa..."

Teve a sensação de interromper algum trabalho, o repórter ao penetrar no casarão da Junqueira Ayres, onde vive o mestre, no convívio erudito com o sobrenatural que encanta e povoa a sensibilidade popular. No entanto sou recebido com alegria e até com uma ponta de emoção.

Na sala de espera um sem número de fotografias de Mário de Andrade, Rui Barbosa, a repórter Lena Frias, entre outras. O retrato de Rui Barbosa (1849-1923) está dedicado a Cascudo por D. Maria Augusta, viúva do Conselheiro. Heitor Villa-Lobos (1887-1959), que em vida foi grande amigo do folclorista norte-rio-grandense, dedicou-lhe uma foto nos seguintes termos: "uma boa testa para levar um cascudo amigo".

À pergunta inicial Cascudo pede tempo, como um guerreiro pede paz, levantando a bandeirinha branca, "enquanto me refaço da emoção de, por intermédio de um baiano, reencontrar a Bahia".

— Vivi tempos inesquecíveis e maravilhosos na Bahia. Tenho por aquela terra gratas e saudosas recordações. Morei na Baixa dos Sapateiros, numa casa defronte ao Corpo de Bombeiros, no Gravatá.

Relembra velhos amigos, todos desaparecidos, fazendo referência carinhosa "ao bravo Simões Filho e à enciclopédia Afrânio Peixoto".

Lembra-se o repórter do velho Estácio de Lima, e indaga-se Cascudo com ele se teria relacionado.

— Ora, Estácio de Lima é moleque de ontem. Eu me refiro a gente velha, menino.

A conversa termina por girar em torno dos fenômenos por ele estudados:

— Os negros — afirma — muito ao contrário do que se poderia imaginar, são irradiadores e não carregadores de cultura. Exemplifica Iemanjá que não é criação negra, mas branca.

Em **Tradição, Ciência do Povo**, diz: "A popularíssima Iemanjá é branca, loura, de olhos azuis, o tipo da ondina germânica do Reno. Em outro passo, comentaria: "Iemanjá, orixá fluvial da Nigéria-Daomé, tornada égide marítima, sereia do Mediterrâneo com a devoção afro-brasileira, recebe o seu "presente", em fevereiro e outubro, atirado às ondas, como Ino-eocotéia em Creta, Megara, Epidauro, Limira, na Lacônia, onde a oferta mergulhando anunciava o assentimento da deusa, antecedente ritualístico para a égide sudanesa".

Mas a Bahia é uma atração permanente, e *Cascudo volta ao tema:*

— É interessante — relembra — em 1918, quando vivi na Bahia não existia a palavra umbanda. Edson Carneiro, no Vocabulário Popular da Bahia, não registra o vocábulo. É claro, muita coisa que hoje existe na Bahia, não existia no meu tempo, casquinha de siri, por exemplo.

Ao homem que dedicou grande parte de sua vida ao estudo de crendices, supertições, magias brancas e negras, catimbó e envultamento, indagamos:

— Afinal de contas, mestre, você é ou não é supersticioso?

Ele é preciso e fiel a seus princípios.

— Sou supersticioso como toda a gente que nega ser.

E daí a pouco repórter e mestre se acham de tal modo envolvidos, numa conversa gostosa, que ele chega a observar para sua filha Ana Maria:

— Se o papa bater em minha porta diga a ele que vá baixar em outro terreiro. Meu combustível um baiano acaba de beber todinho.

Sua biblioteca particular, de mais de 20 mil livros, tem a função de laboratório de pesquisas

SUPERSTIÇÕES

Ninguém poderá no Brasil estudar qualquer fenômeno de natureza popular, sem ter que necessariamente consultar Luiz da Câmara Cascudo, indiscutivelmente o maior repositório de conhecimentos no Brasil.

A superstição tem sido o seu alimento intelectual, em mais de cinqüenta anos de exaustiva pesquisa e estudo criterioso. O mestre depõe:

"A superstição sempre constituiu para mim uma das mais sedutoras indagações da cultura popular. Como fui filho único, doente e triste, amamentou-me o leite de todas as crendices populares. Rezas-fortes, banhos de cheiro, meizinhas serenadas, cascas de tronco do lado-que-o sol-nasce; velhas praieiras esconjurando como na Caldéia, os demônios da febre incontáveis; negros, altos e magros como coqueiros solitários, defumando meu leito, o aposento, meus brinquedos móveis, o cavalo de pau de talo de carnaúba, o navio de papelão, a coruja retangular de papel, rezador vindo da Serra da Raiz, dos brejos, areias de Maracajuí, pé-dos-morros, pondo rosários no meu pescoço, indulgenciados por aqueles teólogos sem papa e sem *Concílio*".

São dele os vários conceitos e sentenças sobre superstições.

"...Não há momento na história do mundo sem a presença inevitável da superstição".

"A superstição é uma técnica de caráter defensivo, no plano mágico, legítima defesa contra as forças adversas".

"A crença na possibilidade do milagre, a intervenção do sobrenatural atraído pelas rogativas ou formulários propiciatórios, consiste numa base homogênea e confiante, orientando a súplica para qualquer dos poderes capazes de atender ao supremo pedido".

Com precisão científica, Cascudo nos esclarece:

"O inconcebível pode ser verídico e a impossibilidade depende da extensão do nosso entendimento. Não existe apenas o que não acreditamos. O não-compreender exclui a recusa existencial. Negamos as verdades dos antigos, como os vindouros recusarão as nossas. O povo, como as crianças, e os "videntes", têm a coexistência com o impossível, para nós. O incrível é uma fronteira na ignorância assimiladora. A imaginação popular é memória viva das ciências aposentadas pela notoriedade".

"O supersticioso apenas obedece à mecânica de processos milenares, escapando ou dis*pensando, totalmente, a colaboração do racio*cínio contemporâneo".

"Os gestos mais novos têm mais de dois mil anos".

Diferentemente do que poderíamos imaginar, não foram os povos de cultura mais primitiva (indígenas, negros), que nos legaram todo o acervo de crendices e superstições, mas o branco colonizador. Cascudo, uma vez mais, nos ilumina:

"No Brasil as superstições que atendem a todo o território nacional foram trazidas pelos colonizadores. Não há um mito ou uma crendice ameraba ou negra que haja alcançado toda a população brasileira".

E acrescenta:

"Como os europeus trouxeram o boi, a vaca, o carneiro, a cabra, cavalo, porco, galo, galinha, cães e gatos, coelhos e ratos, todas as superstições relativas embarcaram com a bicharia para o Novo Mundo".

A propósito de bichos, em **Canto de Muro**, obra inteiramente fora do gênero de Cascudo, por uns considerada romance de costume, por outros um "bestiário", encontramos um depoimento curioso:

"O padre Frederico Pastors M.F.S. enviou em 1930 pelo dirigível Graf Zeppelin alguns ovos de galinha, para pessoas amigas em Altenessen, Prússia Renânia. Nasceram galinhas e um galo. Este, enquanto viveu, cantava pelo horário dos galos brasileiros, quatro horas de diferença. Não houve convivência que fizesse aderir ao fuso europeu reinante na Alemanha. Fora exportado em ovo. Nem sempre a ecologia explica as coisas".

FOLCLORE E CATIMBÓ

Em seu livro **Meleagro**, Luiz da Câmara Cascudo estuda um fenômeno curioso em cultura popular, praticamente desconhecido na Bahia, mas muito procurado no Rio Grande do Norte e em outros estados do Nordeste, por legião de adeptos, o catimbó. Ele explica o catimbó como sendo "a bruxaria sem recorrer ao diabolismo medieval".

"Há uma percentagem impressionante de consulentes de macumbas e catimbós antes, durante e depois de procurar o médico especialista. E vezes os dois tratamentos são paralelos, culpando um ao outro a ineficácia pela indevida aplicação da técnica rival".

Antônio da Silva Melo (1886-1973), em prefácio a **Meleagro**, diz que as "superstições e a magia estão cheias de documentos de valor, sem dúvida alguma apropriados para mostrar a trajetória do espírito humano, através do tempo e do espaço do que essa horrível e desinteressante História da Humanidade, que não se tem ocupado quase senão de guerras e da estúpida sucessão dos poderosos".

Para Cascudo, o "folclore é uma ciência da psicologia coletiva, com seus processos de pesquisa, seus métodos da classificação, sua finalidade em psiquiatria, educação, história, sociologia, administração, política e religião".

Ele considera, ainda, o folclore "o mais abandonado e pejorativo dos assuntos culturais brasileiros".

Tipo dos mais caracteristicos do folclore brasileiro, o escritor de literatura de cordel, encontrado cantando nas feiras do Nordeste ou mercando seu produto, é estudado pelo mestre norte-rio-grandense, que diz de sua história:

"O cantador é o descendente do aedo da Grécia, do rapsodo ambulante dos helenos, do glee-man anglo-saxão, dos monganis e metris árabes, do *ventálica da Índia, das runóias da* Finlândia, dos bardos armoricanos, dos scaldos da Escandinávia, dos menestréis, trovadores, mestres cantores da Idade Média".

Enfim, sobre o mestre que, neste século, granjeou a fama de ser um dos mais importantes folcloristas do mundo, depuseram:

Miguel de Unamuno via na sua obra "una *vision movimentada y colorida en el Floklore* Brasileño".

Levy-Bruhl, observou ser Cascudo "un jeune et brillant maître dans le Folk-lore américain".

Ralph Steele Boggs afirma que Cascudo "is anable an discerning folklorist with literary sensibility".

Embora completamente surdo e quase cego, Cascudo ainda trabalha 10 horas por dia